CADERNO DE ENCARTES

Uma TV que conscientiza e educa

O bairro da Cidade da Esperança se insurge, na área da capital e do próprio Estado, como a primeira comunidade a se utilizar, com sucesso, de uma TV Comunitária

PAULO AUGUSTO

Na luta pelo resgate da cidadania, cujas batalhas se travam hoje em todos os quadrantes do território brasileiro, de preferência dispensando interferências político-partidárias, que no mais das vezes trazem ações contraproducentes recheadas de interesses mesquinhos e de aproveitamento pessoal por parte dos políticos, o bairro da Cidade da Esperança se insurge, na área da capital e do próprio Estado, como a primeira comunidade a se utilizar, com sucesso, da sofisticada tecnologia dos meios eletrônicos de comunicação.

Dispondo, desde o segundo semestre do ano passado, de uma verdadeira emissora de televisão, cujo planejamento da programação, produção e edição são de responsabilidade dos próprios moradores, esse bairro periférico de Natal conseguiu reproduzir sua realidade a partir de uma visão de quem ali reside, podendo refleti-la e analisá-la sem as lentes político-ideológicas que são aplicadas, invariavelmente, pelas subsidiárias das grandes redes de televisão, cada uma delas com um representante dos feudos políticos traçados no Estado.

A TV Alerta Comunitária, que reúne 12 moradores do setor no seu núcleo de produção, já conseguiu, em menos de um ano de existência, sensibilizar a comunidade para discussões de absoluto interesse do bairro, fato que foge por completo à esfera administrativa do Conselho Comunitário, obtendo vitórias que os interesses em jogo na entidade muito dificilmente lograriam conseguir.

É o caso, por exemplo, do clube Cyclone, situado no Estádio José Pascoal de Lima, no coração do bairro, única entidade a oferecer lazer, como shows, bailes e espetáculos, para a juventude local, e cujas sessões de final de semana terminavam, com incômoda frequência, com trocas de tiros e violentas contendas entre as gangues do setor e de áreas vizinhas. Frequentador assíduo das páginas policiais, em virtude de homicídios e boletins de ocorrência policial tendo adolescentes e jovens como protagonistas, o clube Cyclone, graças à intervenção da TV Alerta Comunitária, viu-se obrigado a cerrar suas portas, negociando com a Secretaria de Justiça e Segurança Pública sua reabertura, fato que só teve sequência com a sua mudança de nome – chama-se agora Clube Social CDCE –, e só realizando bailes e festinhas com a presença ostensiva e insinuante de verdadeiros batalhões de choque da PM.

"No caso do Clube Cyclone, um foco de violência que trazia má fama para a Cidade da Esperança, pelos tiroteios verificados ao final de cada festa, que sempre terminava em briga, a população se posicionou", conta João Napoleão, um dos coordenadores do projeto. "Enfocamos o problema, conscientizamos o bairro e a TV Cabugi se interessou em fazer uma reportagem com a TV Alerta Comunitária. Tínhamos como interesse apenas divulgar o nosso trabalho, mas, através da TV Cabugi, o problema da Cyclone foi jogado não apenas para a população da Cidade da Esperança, mas de todo o Rio Grande do Norte. Isto afetou e fez sentir profundamente os organizadores da Cyclone, que imediatamente tomaram uma atitude. Ao mesmo tempo, um dos tiros havia atingido um 'peixe' (conhecido) do secretário da Segurança, que mandou fechar o local. Para reabri-lo, houve até negociações com o governador. Reabriram, mas a cada festa realizada vê-se um verdadeiro pelotão de choque, principalmente depois da fundação da Metropol. Com isto, há uma certa segurança, agora".

Para a fundação, instalação e funcionamento da TV Alerta Comunitária da Cidade da Esperança, que, apesar de contar com parcos equipamentos comprados a partir de bingos e ações entre amigos, vem servindo de modelo para TVs comunitárias que se instalam na Vila de Ponta Negra e na Zona Norte, o apoio do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (CDHMP) foi fundamental. O Centro havia realizado pesquisa, em 1992, para determinar a "Percepção dos Comunitários da CE sobre Violência e Criminalidade" e aglutinara os interesses da comunidade a partir do grupo Molec, jovens ligados ao movimento cultural alternativo existente desde 1983 desempenhando atividades nas áreas de teatro, música e esporte, e do grupo "Força e Participação", de jovens do bairro que atuavam em atividades de evangelização da Paróquia de Nossa Senhora da Esperança.

Situado na periferia de Natal, o bairro, pioneiro do plano de construção de habitação popular que contou com financiamento do convênio MEC-USAID na década de 60, no governo de Aluízio Alves, viu surgirem nos seus limites nos últimos cinco anos pelo menos duas populosas favelas – Favela do Detran e Favela do Urubu, tendo ainda como vizinho o bairro de Cidade Nova, que cresceu desordenadamente de um núcleo inicial típico de favela, girando toda essa área em torno do forno do lixo.

O acúmulo de problemas urbanos do setor se intensificou na medida do desprezo que lhe foi sendo dedicado pelos poderes públicos, fato que atraiu o CDHMP, desejoso de desenvolver ali seus estudos sobre a Violência e a Segurança Pública, partindo da opinião da população diante da omissão do Estado. A pesquisa iria desembocar, utilizando metodologia científica, naquilo que a crônica policial já diagnosticara do setor: ambiente inseguro, permeado de acontecimentos violentos, com brigas de gangues e assaltos, tendo como pano de fundo a fragilidade do Estado em sua política de justiça e segurança pública. A situação interferia nas "explosões de natureza emocional" da população que segundo a pesquisa eventualmente poderia ser favorável ao linchamento e à pena de morte além de espancamento de bandidos por policiais, ao sentir a ausência de "uma política de segurança pública democrática, responsável e competente".

"Havia um projeto do CDHMP junto com a Associação Brasileira de Vídeo Popular para se estruturar uma televisão comunitária, e nós demos continuidade ao trabalho que eles tinham iniciado", diz João Napoleão. "O vídeo é uma forma do povo se sentar para discutir e assim despertar para os seus problemas. A televisão comunitária tem como objetivo maior conscientizar a população de seus problemas e encaminhar soluções. Essas mobilizações levam a refletir e a conscientizar, a resgatar esse papel da cidadania da população. A contribuição que nós damos é levar o vídeo de rua em rua, onde há um arraial, uma aglutinação de moradores, discutindo e avaliando", afirma João Napoleão, que vê na TV Comunitária um trabalho semelhante ao da TV Educativa das escolas e da própria TV pirata. "Com isso, busca-se a contradição com os meios de comunicação que são controlados pela classe dominante. Você tem uma Rede Globo, um SBT, uma Rede Manchete, uma TV Ponta Negra, TV Cabugi ou TV Tropical, que têm um político por trás. Com a gente, se tenta mostrar na tela aquilo que o povo não tem acesso ou é censurado numa rede de comunicação. E isso é como numa escola, num vídeo de cultura, num vídeo educativo, numa TV pirata. Os políticos que vierem a se interessar pelo nosso trabalho, que venham, agora, mas pelo lado social e pelo político. A população está carente de educação, de saúde e de segurança, e está se conscientizando".

Foto: Eduardo Fellipe



Moradores da Cidade da Esperança que fazem a TV Alerta Comunitária

Foto: Eduardo Fellipe



"A contribuição que nós damos é levar o vídeo de rua em rua, onde há um arraial, uma aglutinação de moradores, discutindo e avaliando" João Napoleão, da TV Alerta Comunitária

CANTO DE NATAL



TATIANA MAIA



Foto: Eduardo Felipe

Tatiana Maia,"A minha utopia é a descoberta de uma vacina para o HIV"

A presidente da Porvir – Associação de Apoio e Combate à Aids, Tatiana Maia, é uma Taurina, nascida num 12 de maio, no Rio de Janeiro, sendo filha única. Descendente direta de dois filhos do Catolé do Rocha – filha de Otacílio Maia Sobrinho e neta de Pedro Olímpio de Vasconcelos Maia –, é prima do governador José Agripino e do senador Lavoisier Maia.

De formação "muito rígida, séria, religiosa", foi interna num colégio de freiras – Ginásio São Vicente de Paula –, onde "aprontava demais": "Eu estudava interna e a coisa mais difícil era eu sair no final de semana, por conta do meu mau comportamento. Eu e mais seis amigas éramos uma coisa impressionante. Ficávamos de castigo, sempre". Precoce, com 11 anos já tinha um namorado, bem mais velho, de 24 anos: "Tanto é que me casei com 14 anos e me separei com 24. Não tenho filhos".

Na gastronomia, prefere frutas e empanturrar-se com outras iguarias: "Adoro manga, jaca, não sou muito de comida: arroz, feijão, macarrão. Como porque é necessário. Sou vidrada em frutas, tenho o sangue bem nordestino". Considera roupa uma coisa "muito do dia-a-dia": "No dia em que estou legal, boto altas roupas; no dia em que estou baixo astral, boto péssimas roupas. Meu estilo é o meu dia". Já leu "todos os tipos de livros", preferindo atualmente mergulhar na filosofia: "Não sei se é para eu me encontrar – porque é muito difícil a vida que a gente está levando –, então estou lendo livros que falam de todas as religiões, desde o Espiritismo até o Seicho-no-ie. Estou numa fase de conhecer o Deus 'meu', o Deus de dentro de mim". Na música, considera-se uma romântica: "Gosto de Elvis Presley, de Ray Charles e, na música brasileira, gosto de Chico Buarque, Caetano. Sou uma pessoa que ainda não perdi minhas raízes românticas. E isso é bom".

Formada em Administração de Empresas, dirige há dois anos a Porvir, dividindo as atividades com ocupação no Iplanat. Sobre o natalense, com quem convive há 10 anos, acha que "sabe ser gente": "Em Natal, as pessoas são solidárias, na hora em que você tem algum problema, elas se preocupam com você, lhe dão uma força no seu dia-a-dia". Na política, acha "difícil" ter alguma esperança, por considerar um vício a prática da "politicagem", "Não chamo isto de política, mas de politicagem, esse vício que consegue manipular as pessoas. O vício de telha, de cimento, de barro, de tijolo. Então, eu cho que não é por aí. As pessoas têm que se conscientizar e tentar resgatar um pouquinho de sua cidadania, um pouquinho de respeito humano. Porque, de repente, a população foi imposta ao mercenarismo. Ela se sente na obrigação de dar seu voto em troca de um tijolo, em troca da beleza de seu candidato. Acho que tem que ser o seu voto em troca de benfeitorias para a população, para o Estado, para o país. Se nós continuarmos com essa mentalidade de mercenarismo, vamos ser sempre 'povinho' ".

Sobre as atividades da Porvir em meio à política de saúde nacional, tem encontrado "muitas dificuldades": "Minha luta é em prol dos doentes de Aids. E as dificuldades não são apenas hospitalares, também dificuldade de ordem social, que é uma luta triste. Acho que é chegada a hora de nós, a população, a sociedade, assumir um pouco de sua parcela de participação nos problemas, que são seríssimos. As pessoas precisam ser mais solidárias, mais amigas e respeitarem, independente do estigma inicial da Aids, que foi uma doença de homossexuais. Hoje temos mulheres, crianças, ricos, pobres, negros, brancos, todo mundo contaminado. A Porvir tem dois anos de criação, está cadastrada entre as ONGs internacionais, somos filiados à Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIH. Temos um sistema de contribuição, entre os 230 sócios, com sede na av. Campos Sales, 609, 1º andar, telefone 211-2455. Temos uma conta no Banco do Brasil, com número 204-242-8, Agência 0716-1. Os números de contaminação estão sendo muito altos, principalmente na faixa etária de 15, 16, 17 anos. Precisamos dar um alerta, para que essa geração não seja considerada a 'Geração da Aids' ".

Paisagem:
Praia de Ponta Negra, com suas jangadas e coqueiros. É um visual riquíssimo.

Bairro:
Ribeira, de arquitetura neoclássica, é de uma beleza incrível. Pena que o patrimônio histórico não zele e conserve essas belezas.

Dica ao turista:
Natal é belíssima. Se você quiser conhecer a natureza nativa aqui ainda existe. Pessoas puras, sem maldade, por incrível que pareça, ainda se encontra essa raridade.

Armadilha para o turista:
A Via Costeira, o morro do Careca, o Forte dos Reis Magos, pôr-do-sol no rio Potengi e outros. Como se vê, o turista está totalmente cercado.

Off-Natal:
Viajei bastante, mas o lugar que me chamou a atenção foi Belém, São João Del Rei (MG), que é uma cidade lindíssima, onde estão encravadas casas com arquitetura antiga e toda uma história. A orla marítima entre o Rio de Janeiro e Guarapari (ES) é um visual lindíssimo.

Praia:
A praia de Pipa é muito enigmática e de visuais lindíssimos, com seus golfinhos, as pessoas que a habitam e frequentam.

Pôr-do-sol:
Aquelas dunas encrespadas e aquele sol enorme se deitando naquele lindo mar azul faz do pôr-do-sol da praia de Jericoacoara (CE) um dos mais lindos que já presenciei.

Estação do ano:
Particularmente, na primavera a cidade fica mais florida e, nesta época em que as árvores se renovam. Por outro lado, gosto do inverno, faz com que as pessoas se produzam mais, ficando mais bonitas.

Sábado:
O dia de ficar em casa, arrumando a bagunça da semana. A noite é uma criança e, no sábado, melhor ainda.

Domingo:
Caminhar até tarde, praia e muita preguiça para esperar a segunda-feira, dia de batente.

Prédio que mais gosta:
A antiga Casa de Detenção, hoje Centro de Turismo. A época de sua fundação, serviu para punir os assassinos e ladrões, passando para uma estrutura que hoje dá empregos às pessoas que sobrevivem do seu talento manual, da arte do artesanato, mãos que fazem daquele lugar a sua sobrevivência.

Prédio que mais detesta:
Palácio do Governo, pela dificuldade das pessoas serem atendidas, das resoluções que são tomadas dentro dele, pela falta de sensibilidade e, principalmente, pela mudança de personalidade diante do poder.

Cinema:
Prefiro videocassete. O deslocamento dificulta; hoje, para mim é mais cômodo assistir ao vídeo.

Natal chique:
Existem vários pontos que considero chiques em Natal, mas lamentavelmente não há conservação para a Casa do Estudante, de uma arquitetura belíssima, a Pedra do Rosário com muita sujeira no seu entorno, enfim, muita coisa chique que não se dá valor, nem a população nem muito menos nossos governantes.

Natal antiga:
Ribeira, não há o que contestar.

Natal moderna:
A cabeça das pessoas. A população natalense é muito aberta para os mais diversos modismos, e ao mesmo tempo fechada, com seus preconceitos, suas rejeições e discriminações. Por isso, há grande promiscuidade, que hoje impera em nossa cidade.

Local que gostaria de conhecer:
São tantos, mas, em particular, Jerusalém cidade, Israel. Gostaria de saber ou mesmo conhecer todo o mistério que envolve a história dos tempos antigos.

Local que preferia não ter conhecido:
O Hospital Giselda Trigueiro, pelo sofrimento que presenciei, pela dor que muitos passam, pela falta de respeito pelo ser humano e principalmente pela falta de sensibilidade diante do estigma da Aids.

Natal que funciona:
Acho que o título seria melhor se fosse 'Natal que **não** funciona!. A culpa de nada funcionar, não só em Natal, mas no Nordeste como um todo, é a prática de uma política suja e mercenária que os políticos adotam.

Natal que não funciona:
A começar pela Educação e Saúde, que são as bases para qualquer formação da estrutura do indivíduo.

Utopia:
Adescoberta de uma vacina para o HIV, para amenizar ou acabar em definitivo o sofrimento e a dor de tantas pessoas que o contraíram sem saber como nem por quê.

Luxo:
A Via Costeira concentra o luxo.

Lixo:
Se a Usina de Reciclagem de Lixo de Natal suportasse a sujeira política dos nossos políticos, com certeza não funcionaria mais.

Homem papa-jerimum:
Todos os amigos que conquistei em Natal.

Mulher papa-jerimum:
Não é apenas uma mulher que admiro. São várias, começando pela amiga, irmã, conselheira, mãe, enfim, tudo, a Ana Cláudia, da Agência 3 x 4, e outras que, se fosse citar nomes, a coluna não daria.

Natal que espanta:
A Vila de Ponta Negra atrai turistas e nativos de todas as raças e religiões mas que, ao mesmo tempo, espanta, com a promiscuidade que ela gera.

Natal que seduz:
A beleza das praias e a natureza humilde, pacata e hospitaleira do povo desta cidade.

A cara de Natal:
As dunas, o morro do Careca, o mar de Ponta Negra, tudo faz com que lembre esta cidade.

O canto de Natal:
"... tô com saudades de tu, meu desejo/tô com saudades do beijo de mel,/do teu olhar carinhoso,/do teu abraço gostoso,/de passear no teu céu.../teu cheiro me dá prazer,/quando estou com você/estou nos braços da paz".



CLOTILDE TAVARES

Sobre o Festival Nacional de Arte

Oba! Estou aqui, minha gente, sediada e domiciliada na minha pátria, a Paraíba. Vim para o I FENARTE (Festival Nacional de Arte) e IV FENATED (Festival Nacional de Teatro e Dança), que começou no dia 14 e vai até o dia 23. Meninos, vocês precisam ver essa Paraíba como é atrevida, como é enxerida, como é danada. Esse encontro começou nos anos anteriores só com teatro e dança e agora já é um evento que engloba, além das artes cênicas, a música, as artes plásticas, a literatura, a fotografia, o artesanato e sabe-se lá o que mais. Promovido pela FUNESC/Governo do Estado, traz a João Pessoa nomes famosos da cena teatral para darem oficinas e cursos e mostrarem seus espetáculos. Antonio Abujamrra traz seu espetáculo *O Inferno são os Outros; Amir Haddad,* com o grupo Tá na Rua, está dando uma oficina de teatro de rua; Rubens Teixeira ministra uma oficina de direção teatral; Luiz Carlos Vasconcelos mostra *Vau de Sarapalha*, que encantou todas as platéias onde se apresentou no ano passado; e a Anarrieh Cia. de Teatro, representante da Paraíba na mostra, comparece com *A Estupidez do Quarto*, um texto de Vinícius Rodrigues com direção do lúdico Makarios Maia, paraibano que atualmente ensina cenografia na UFRN e a quem – mais que depressa – convidamos para dirigir o próximo espetáculo da Stabanada. Temos ainda companhias de dança de todo o país, e o Rio Grande do Norte está representado – e bem – pela Corpo Vivo, com o belíssimo *Aguas de Agosto*. Nas outras áreas as coisas também estão acontecendo, e eu estou hoje lançando meu livro *Iniciação à Visão Holística* na Fundação Casa de José Américo, com apresentação do metafórico Jomard Muniz de Britto. Mas o melhor de tudo isso é que quando eu olho para João Pessoa do apartamento da minha irmã na Lagoa, da janela do oitavo andar e vejo o relógio do Liceu parado às dez e quarenta – não sei se de uma manhã de sol ou de uma noite de lua – sinto e percebo que para mim, o tempo não passou. É só voltar mais uma vez que a Paraíba está aqui, me esperando, seja com um festival de teatro, ou de cantador de viola, ou com o São João, ou com a Micarande. Sempre, sempre à minha espera, braços abertos, minha pátria, meu chão.

Editor Geral do Jornal de Natal: Francisco Duarte **Editora do Caderno de Encartes:** Marize Castro **Redator do Caderno de Encartes:** Paulo Augusto **Diagramação:** Edson Benigno
Composição: Iris Araújo **Revisão:** Cássia Lima e Antônio Ronaldo **Montagem:** João Campello
Telefones (084) 223-1635 e 223-8500. Fax 221-4256
Endereço para correspondência: Av. Alexandrino de Alencar, 528 - Alecrim - Natal/RN **Caderno de Encartes** um suplemento do **JORNAL DE NATAL**
Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.